



INFORMATIVO

O TUIUTI



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

520 anos das Capitanias Hereditárias. 510 anos da descoberta do Rio da Prata por navegantes portugueses. 490 anos da fundação da Companhia de Jesus. 470 anos do Colégio de São Paulo. 460 anos do desembarque de Estácio de Sá em Salvador. 410 anos da vitória de Jerônimo de Albuquerque na Batalha de Guaxenduba, MA. 400 anos da invasão holandesa, tomada de Salvador e início da Guerra do Açúcar. 370 anos da Batalha da Campina do Tabora e do Tratado do Tabora. 340 anos da revolta de Manuel Beckmann no MA. 310 anos do fim da Guerra dos Mascates em PE. 270 anos do início da Guerra Guaranítica. 250 anos da vitória do Major Rafael Pinto Bandeira no Combate de Santa Bárbara, RS. 200 anos da primeira Constituição do Brasil. 170 anos da 1ª ferrovia brasileira pelo Barão de Mauá. 160 anos do início da Guerra do Paraguai e morte de Antônio João. 150 anos do Combate do Ferrabraz, RS, na Guerra dos Muckers. 120 anos da Revolta da Vacina e da Escola da Praia Vermelha. 110 anos do início da I GM. 100 anos da Revolução Paulista. 80 anos do desembarque aliado na Normandia (06 Jun), da partida do 1º Escalão da FEB para a Itália e da inauguração da Academia Militar das Agulhas Negras. 60 anos da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, SP, da rebelião militar que deu origem à Contra-Revolução Democrática de 31 de março e da eleição do Gen Humberto de Alencar Castello Branco para a Presidência da República. 30 anos da conquista do tetracampeonato de futebol na Copa do Mundo dos EUA pelo Brasil.

ANO 2024

Julho

Nº 457

Rosa Maria Paulina da Fonseca – Patrona da Família Militar

- A MÃE DOS SETE MACABEUS -

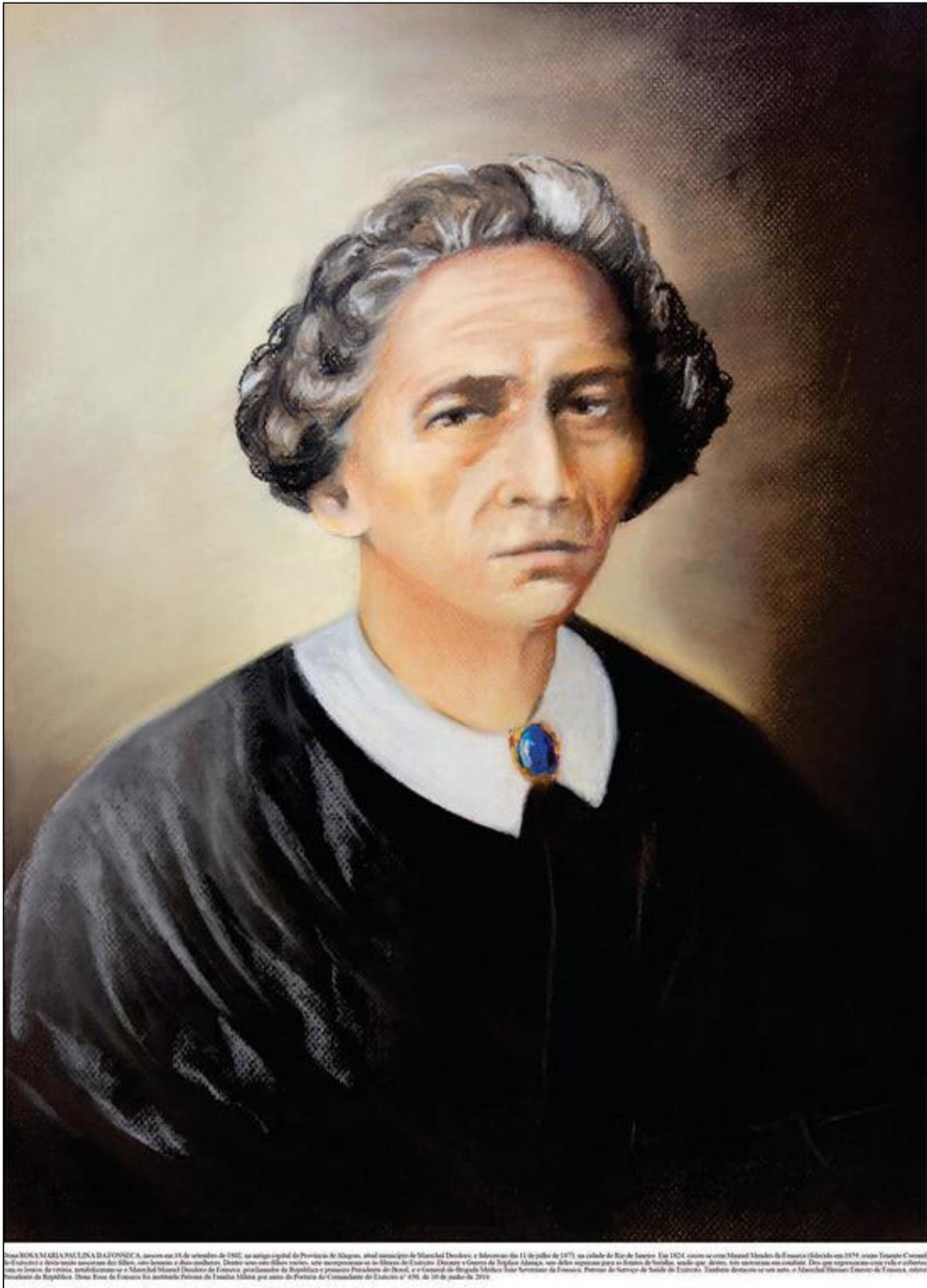
(<https://www.eb.mil.br/patronos/familia-militar>)

Desde as origens do Exército Brasileiro, na épica Batalha dos Guararapes, destacaram-se vultos que, mercê de seus atributos de liderança, coragem, desprendimento, abnegação e estoicismo, serviram de exemplo vivo, cujas memórias são perpetuadas pela Força Terrestre ao nomeá-los seus Patriarcas e Patronos.

Em reconhecimento à magnitude de sua personalidade e aos seus exemplos de união familiar, de patriotismo e de devoção ao Brasil e à causa militar, o Exército Brasileiro instituiu dona Rosa da Fonseca como a Patrona da Família Militar.

Rosa Maria Paulina da Fonseca nasceu em 18 de setembro de 1802, na então Cidade de Alagoas, capital da Província de mesmo nome, atual município de Marechal Deodoro.

Em 1824, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, casa-se com o Major do Exército Imperial **Manoel Mendes da Fonseca**, valoroso militar e grande monarquista.



Mulher de caráter varonil, sempre o apoiou em suas resoluções e o acompanhou, intemorata, nos transe da vida, até seu falecimento, já reformado no posto de Tenente-Coronel, em 24 de agosto de 1859.

Dessa união nasceram dez filhos, sendo duas mulheres, **Emília** e **Amélia**, e oito varões. Todos os homens abraçaram a carreira das Armas, ocupando posições de destaque na vida militar, na Política e na Administração Pública Brasileira.

Quando eclodiu a Guerra da Tríplice Aliança, sete de seus filhos seguiram para os campos de batalha. Permaneceu junto a ela seu filho **Pedro Paulino**, tenente reformado do Exército, literato e estatístico, futuro governador de Alagoas e senador federal por esse Estado.

Na cruenta Batalha de Curuzu, entre 1º e 3 de setembro de 1866, tomba em combate seu filho mais jovem, **Afonso Aurélio**, aos 21 anos de idade, Alferes do 34º Batalhão de Voluntários da Pátria, atingido quando galgava as muralhas daquela fortificação.

Poucos dias depois, em 22 de setembro de 1866, durante a sangrenta Batalha de Curupaity, outro de seus filhos, o Capitão de Infantaria **Hyppólito**, perde a vida heroicamente.

Em 6 de dezembro de 1868, na célebre Batalha de Itororó, as "Termópilas paraguaias", a primeira das batalhas da "Dezembrada", outro de seus filhos sucumbe ante o fogo inimigo, o Major de Infantaria **Eduardo Emiliano**.

Nessa mesma Batalha, dois outros filhos, **Hermes** e **Deodoro**, foram gravemente feridos, sendo que esse último recebera três ferimentos por tiros de fuzil.

Durante as comemorações pela vitória em Itororó, ao ser informada da morte de **Eduardo** e da situação de **Hermes** e **Deodoro**, teria dito:

*"Sei o que houve. Talvez até **Deodoro** esteja morto, mas hoje é dia de gala pela vitória; amanhã, chorarei a morte deles".*

Conta-se também que, ao receber o Oficial que lhe apresentaria os pêsames em nome do Imperador, respondeu que a vitória que a Pátria alcançava, e que todos tinham ido defender, valia muito mais que a vida de seus filhos.

Rosa Maria Paulina da Fonseca, a "**Mãe dos Sete Macabeus**", faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 11 de julho de 1873, aos 70 anos de idade.

Dentre seus filhos que regressaram vivos da Guerra da Tríplice Aliança, destacou-se, especialmente, o Marechal **Manuel Deodoro da Fonseca**, Proclamador da República, Chefe do Governo Provisório e Primeiro Presidente Constitucional da República dos Estados Unidos do Brasil.

Destacou-se, também, de forma singular, o eminente médico militar, General de Brigada **João Severiano da Fonseca**, escolhido, em 1962, para ser o Patrono do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro.

Seu neto, o Marechal **Hermes Rodrigues da Fonseca**, foi o 8º Presidente da República, exercendo seu mandato entre 1910 e 1914.

Ao instituir o dia 18 de setembro, data natalícia de Dona **Rosa da Fonseca**, a Matriarca Exemplar, como o Dia da Família Militar, o Exército Brasileiro presta a devida homenagem à família, na figura de Rosa da Fonseca, reconhecendo a importância do espírito de sacrifício e de luta, o qual possibilita aos integrantes da Força Terrestre alcançarem o sucesso pessoal e profissional, com o sentimento de dever cumprido, seja qual for a missão.

A contribuição social do Serviço Militar Obrigatório

Cel Cav EM Veterano Rogério **Marques Nunes**

O Serviço Militar Obrigatório é uma importante ferramenta que está à disposição da sociedade brasileira. Nos tempos atuais, o Serviço Militar pode ser considerado o primeiro emprego, a primeira experiência e o primeiro contato com o mundo do trabalho.

Além disso, o Serviço Militar é um processo que existe regularmente há mais de cem anos atendendo as necessidades do Brasil e está inserido na Constituição Federal de 1988 (CF/88), bem como em outros dispositivos legais (Lei do Serviço Militar e Regulamento da Lei do Serviço Militar).

A adoção de políticas públicas que complementam a prestação do Serviço Militar, como o Projeto Soldado Cidadão e o Programa Militar de Qualificação Profissional, propiciam ao cidadão a sua qualificação pela educação profissionalizante e a capacitação para o mercado de trabalho.

Uma outra direção aponta que a temática juvenil vem ocupando um local de destaque no contexto das grandes inquietações mundiais. Nesse sentido, diversas pesquisas têm discorrido sobre a relação da população jovem com o mundo do trabalho, mostrando que diversas condições adversas enfrentadas pelos jovens geraram uma população que não é empregada e que nem está em processo de educação ou treinamento, denominados de forma genérica de geração “nem-nem” (CIRÍACO et al., 2022, p. 32).

Cabe ressaltar que trabalho e educação, do ponto de vista sociológico e filosófico, são importantes para o desenvolvimento do ser humano, seja intelectual ou moral.

Mas, além disso, é importante verificar que trabalho e educação são direitos sociais garantidos aos brasileiros pela Constituição Federal.

Segundo estudo publicado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), denominado “Uma visão sobre a Educação”, no Brasil, a parcela da geração entre 18 e 24 anos que “nem estuda nem trabalha (NEET em inglês)” atinge cerca de 36% (dados de 2020), o que comparado a outros 40 países integrantes ou parceiros da OCDE, coloca o Brasil na segunda posição (aproximadamente 8 milhões de pessoas).

A partir do ano 2000, com a inclusão do contrato de aprendizagem na alteração produzida na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), permitiu-se a inclusão de jovens (14 a 24 anos) em programas de aprendizagem compatíveis com o seu desenvolvimento físico, moral e psicológico, possibilitando o primeiro contato com o mundo do trabalho sem, entretanto, descurar de estarem matriculados e frequentando a escola ou já ter concluído o Ensino Médio.

O público-alvo do Serviço Militar Obrigatório é o abrangido a partir dos 18 anos de idade, particularmente o segmento masculino, uma vez que as mulheres e os eclesiásticos são considerados isentos dessa obrigatoriedade em tempo de paz, embora sujeitos a outros encargos que a lei lhes atribuir.

Aí está o ponto de encontro entre o Serviço Militar e a geração que “nem estuda nem trabalha”.

A aplicação de todos os instrumentos legais permite ao Brasil anualmente incorporar uma fatia representativa dos jovens da sociedade brasileira.

No ano de 2022, o Exército Brasileiro incorporou a suas fileiras um contingente de 57.621 recrutas.

Desse modo, o Serviço Militar surge como o primeiro contato entre o jovem e o mundo do trabalho, o que pode representar sua oportunidade de passar por exames e, para muitos, realizar sua primeira entrevista de trabalho.

Ademais, para os jovens que tiverem a oportunidade de ingressar como soldados, receberão toda a assistência da estrutura militar que participará da sua formação como militares e proporcionará, além disso, a busca de uma qualificação que atenda às suas aptidões apresentadas no processo de seleção, o que lhes servirá, mais tarde, na sua inserção em melhores condições no mercado de trabalho.

O Projeto Soldado Cidadão é um dos programas sociais conduzidos pelo Ministério da Defesa. Com base nos dados do Relatório de Gestão do Exército (2023, p. 14), verificou-se que foram formados 7.649 militares no Projeto Soldado Cidadão no ano de 2022.

Sendo assim, cerca de 13% do efetivo incorporado teve a oportunidade de receber uma formação profissional, aliada ao cumprimento do dever cívico de prestar o Serviço Militar.

Na área do Comando Militar do Sul, abrangida pelos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, desenvolveu-se iniciativa complementar, visando à qualificação do pessoal que encerra seu período de Serviço Militar.

Surgiu então, o Programa Militar de Qualificação Profissional (PMQP). Tal Programa tem por objetivo conceder a validade jurídica aos cursos desenvolvidos durante o período de instrução militar, atendendo aos padrões exigidos na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), como também aos previstos na formação militar.

Por fim, constata-se a dupla utilidade do Serviço Militar Obrigatório, atendendo às necessidades da Defesa Nacional, como também ao cidadão, para melhor qualificá-lo para o mercado de trabalho.

Tudo isso reforça a ideia que o Serviço Militar Obrigatório realiza uma importante contribuição para a sociedade brasileira, colaborando de forma eficiente, eficaz e efetiva para a redução das mazelas sociais que ainda persistem no Brasil.

Referências

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, Subsecretária de Edições Técnicas, 2010.

CASTRO, Celso. Exército e nação: estudos sobre a História do Exército Brasileiro. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

CIRÍACO, Juliane da Silva et al. Juventude e exclusão social: uma análise sobre os fatores determinantes da condição de nem-nem no Brasil urbano. Mercado de trabalho, out 2022. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11651/1/BMT74_juventude_exclusao.pdf. Acesso em 15 abr 23.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101957_informativo.pdf. Acesso em 19 abr. 23.

EME. RELATÓRIO de Gestão do Comando do Exército. Estado-Maior do Exército. Brasília, março de 2023. Disponível em: <https://www.eb.mil.br/relatorio-de-gestao>. Acesso em 18 abr 23.



- SEGUNDA GUERRA MUNDIAL - A RESISTÊNCIA FRANCESA E O DIA D

Fonte: RODRIGUES, Icles. O Dia D - Como a história se tornou mito. São Paulo: Contexto, 2024, p. 33/34.

Para o sucesso de sua invasão (à França, 1944), os Aliados também contavam com a ação da Resistência Francesa. A vitória alemã sobre a França em 1940 dividira o país.

No norte, o território foi ocupado pelos alemães, enquanto o sul permaneceu como um Estado francês governado pelo marechal Philippe Pétain a partir da cidade de Vichy.

Muitos franceses ficaram insatisfeitos tanto com a ocupação alemã no norte quanto com o colaboracionismo de Pétain, e aos poucos se formou um movimento de resistência bastante heterogêneo, conhecido como La Résistance, composto tanto por franceses no exterior, atuando sob a liderança do governo no exílio (a "França Livre"), quanto por civis em território francês.

Apesar de alguns objetivos em comum, a heterogeneidade dos membros da Resistência fazia com que ela fosse bastante fracionada, abrigando desde militares conservadores patriotas até comunistas, refletindo as grandes divisões de opinião existentes na França.

Ainda assim, os diferentes grupos da Resistência tinham muitos objetivos em comum, além do principal: liberar a França do jugo alemão.

A Executiva de Operações Especiais (Special Operations Executive - SOE), criada pelos britânicos para fins de espionagem, sabotagem e reconhecimento na Europa ocupada pelos alemães, também apoiava movimentos de resistência.

Dentro dela havia diferentes seções para trabalhar com os franceses: a RF, por exemplo, trabalhava só com a França Livre comandada pelo general Charles de Gaulle a partir de Londres.

As principais formas de atuação da Resistência eram os trabalhos de sabotagem.

No período de 1941 a 1943, (a sabotagem) consistiu em alfinetadas esporádicas e descoordenadas contra indústrias de guerra, ferrovias, canais e sistemas de telefonia e telégrafo.

Não era de tal escala que causasse muita preocupação aos alemães. Mas, a partir do início de 1944, depois que a SOE ficou sob o controle do SHAEF (Quartel General Supremo das Forças Expedicionárias Aliadas), a sabotagem ferroviária foi bastante acelerada e vinculada ao Plano de Transporte.

Um membro da resistência que sabia onde colocar uma banana de dinamite em uma ponte poderia ser muito mais eficaz do que um B-17 lançando uma bomba de 500 libras de 15.000 pés no mesmo alvo. O homem no local também pode cronometrar a explosão para derrubar uma locomotiva quando a ponte subisse.

Nos primeiros três meses de 1944, a Resistência destruiu 808 locomotivas em comparação com 387 danificadas por ataque aéreo.

Desde a entrada dos americanos na guerra, a União Soviética pedia desembarques na França, além da abertura de uma segunda frente. Churchill fora contrário, principalmente depois de um ataque desastroso a Dieppe em agosto de 1942, mas sua estratégia de atacar a “barriga vulnerável” da Europa na Itália também parecia um fracasso. Antes, o ataque à França não seria prático. Navios Aliados que trouxessem homens e material bélico pelo Atlântico ficariam vulneráveis à investida de submarinos alemães. No entanto, em 1943 o código Enigma alemão foi decifrado, e os avanços da radiogoniometria, do sonar e das cargas de profundidade frustraram a ameaça dos submarinos. E a Operação Overlord - a invasão da Normandia - foi marcada para 5 de junho de 1944.

Prontos para retumbar

Na primavera daquele ano cerca de dois milhões de toneladas de material bélico foram acumulados na Grã-Bretanha, com mais de 50.000 tanques, carros blindados, jipes e caminhões. No entanto, houve contratemplos: em 27 de abril de 1944, lanchas-torpedeiras alemãs esgueiraram-se pelas defesas marítimas ao largo de Devon e mataram 749 americanos que treinavam para o Dia D. Ao mesmo tempo, todos os esforços eram envidados para enganar os alemães. Enquanto tanques e veículos blindados de verdade eram escondidos debaixo de árvores, outros feitos de borracha e compensado eram deixados onde aviões de reconhecimento alemães pudessem avistá-los. Na Operação Fortitude o fictício Primeiro Grupo de Exércitos americano, comandado pelo general Patton, reunia-se no sudeste da Inglaterra, ostensivamente visando a Calais. Do outro lado do Canal da Mancha, a Muralha Atlântica, uma linha de fortificações e posições de artilharia de concreto, estendia-se da Noruega à Espanha. No entanto, quando chegou à França para assumir o comando, o marechal de campo Erwin Rommel descobriu que muitas posições de artilharia não estavam prontas e menos da metade dos campos minados previstos tinha sido instalada. Nos primeiros meses de 1944, Rommel iniciou uma tentativa enérgica de tornar as defesas satisfatórias.

O Dia D

Em 4 de junho, a previsão do tempo era péssima e fora do padrão. Relutante, o general Eisenhower, na época comandante supremo da Força Expedicionária Aliada, tomou a decisão de adiar a invasão por 24 horas. Os soldados enjoados e já embarcados ficaram presos nos navios, à espera de que a tempestade passasse. No dia seguinte, os meteorologistas previram um período de calmaria, e, em 5 de junho de 1944, mais de 1.200 embarcações de combate, 4.126 lanchas de desembarque e 804 navios de transporte de tropas zarparam da Grã-Bretanha. A bordo dos navios Aliados havia 132 mil rapazes destinados às praias. A imensa maioria enjoou várias vezes. Quando surgiu a aurora do dia 6 de junho, os alemães viram-se diante dessa imensa armada e os céus encheram-se de aeronaves aliadas. Cerca de 23.500 soldados britânicos e americanos aerotransportados já tinham sido lançados no interior. Havia pouca resistência organizada em terra, e o maior perigo eram os pântanos em torno dos rios Douve e Merderet além do vale do Dives, inundado por Rommel antes da invasão. Alguns morreram na queda de planadores, e vinte paraquedistas caíram na praça de uma aldeia e foram mortos ou aprisionados pelos alemães. Ainda assim, ao amanhecer, os homens da 82ª Divisão Aerotransportada libertaram Saint Mère Église, primeira aldeia francesa a se livrar da ocupação alemã.

Ponte Pégaso

Os homens da 6ª Divisão Aerotransportada britânica foram encarregados de capturar as pontes que atravessavam o canal de Caen e o rio Orne, em Bénouville. A primeira ponte controlava o acesso do leste, especificamente o Passo de Calais. A partir de sua tomada, passou a ser chamada de Ponte Pégaso, devido ao cavalo alado da insígnia da divisão. Foi nessa ponte que os invasores fizeram sua primeira

vítima alemã. Uma jovem sentinela foi derrubado ao disparar um foguete para alertar os seus colegas soldados. Momentos depois, a primeira baixa britânica foi causada por metralhadores alemães. Seu nome era tenente Herbert Denham Brotheridge, e fora escolhido a dedo pelo major John Howard para comandar uma das seis companhias de trinta homens que entraram em ação naquela noite. O planador de Brotheridge caiu dentro das defesas de arame farpado por volta das 2 h da madrugada de 6 de junho, e seus homens foram os primeiros a chegar à ponte. Outros soldados aerotransportados conseguiram aproveitar a surpresa do ataque e limpar pequenos postos alemães. Depois se ocultaram nas praias, à espera do apoio dos soldados Aliados. Muito embora as defesas das praias fossem atingidas por bombas, os comandantes alemães não tinham certeza de que o Dia D começara. Não esperavam a invasão com aquele clima péssimo. As forças aéreas aliadas também tinham feito ataques diversionários em torno de Calais, levando-os, mais uma vez, a acreditar que o ataque aconteceria ali. Uma armada falsa, provocada por aviões Aliados que lançaram folhas metálicas, foi vista nas telas dos radares alemães, enquanto paraquedistas falsos eram lançados em outros lugares. A força invasora compunha-se de dez divisões aliadas, inclusive três aerotransportadas, e contava com apoio naval. À espera na Normandia havia 25 divisões costeiras estáticas, 16 divisões de paraquedistas e infantaria e 10 divisões blindadas e mecânicas, com sete na reserva. Na alvorada cinzenta, a 1ª e a 4ª Divisões de Infantaria americanas seguiam para praias de codinome "Utah" e "Omaha", enquanto britânicos e canadenses rumaram para as praias "Juno", "Sword" e "Gold". As cinco praias estavam situadas em um trecho de 88 km de litoral.

As praias britânicas

Na praia Gold, os invasores enfrentaram resistência organizada dos alemães e um setor maciço da Muralha Atlântica. Também havia mais obstáculos submarinos ali que nas outras praias. Conforme o dia avançava, os soldados foram empurrados areia acima pela maré, e os sapadores foram impedidos de terminar a tarefa de limpar as praias de obstáculos. Muitos morreram na areia enquanto o litoral era varrido pelo fogo, até que finalmente as casamatas e posições de artilharia fossem destruídas por aviões ou canhões navais. À tarde, os defensores tinham sido forçados a recuar. Soldados recém-chegados tiveram de lutar nas dunas, nos charcos e campos próximos. O sargento-mor de companhia Stan Hollis, do regimento britânico dos Green Howards, foi condecorado com a Cruz da Vitória por limpar sozinho uma casamata e afastar o fogo inimigo de mais dois homens. No final do dia, as baixas na praia Gold chegaram a mil homens. Dos 24 mil que atacaram a praia Juno, 15 mil eram canadenses e nove mil britânicos. Em comum com as outras praias, os homens da primeira onda foram atrapalhados por embarcações viradas e canhões inimigos. O ataque inicial por bombardeiros praticamente fracassara no objetivo de tornar a passagem mais segura. A praia Sword também se reduziu ao caos, embora mais uma vez os homens chegassem rapidamente às saídas. Os defensores alemães, a princípio surpreendidos pelo ataque, logo se recuperaram e ofereceram intensa resistência. Foi na praia Sword que lorde Lovat e seus soldados escolhidos a dedo - inclusive anti-fascistas alemães - desembarcaram com o gaiteiro Bill Millin. Lovat caminhou pela água de cabeça erguida, com a ajuda de uma bengala. Sua meta era promover o moral, embora o gaiteiro também servisse para atrair o fogo inimigo.

As praias americanas

Em Utah, os desembarques mais pareceram um exercício, principalmente porque os soldados aerotransportados tinham destruído a resistência alemã. Dos 23 mil homens que desembarcaram na praia Utah, em 6 de junho, apenas 197 foram mortos ou feridos. A situação foi muito diferente na vizinha Omaha, onde nuvens baixas tinham impedido que os bombardeiros fizessem ataques bem-sucedidos antes do desembarque. O bombardeio naval também deixou a desejar e a maioria dos canhões alemães estava

ilesa. No entanto, os comandantes dos contratorpedeiros de apoio arriscaram tudo e aproximaram das praias as embarcações para dar o máximo possível de cobertura. Os defensores de Omaha eram os homens experientes da 352ª Divisão, recentemente retornados da frente oriental. E os tanques anfíbios Aliados foram liberados cedo demais, muitos afundaram, afogando a guarnição. Com a maré baixa, os soldados tinham de percorrer várias centenas de metros até encontrar abrigo, e as novas ondas de homens precisaram passar por cima dos cadáveres de camaradas caídos antes de enfrentar a matança. Muitas foram as vítimas do fogo das metralhadoras assim que se abriram as portas da lancha de desembarque. Logo a maré subiu, afogando os feridos e empurrando os homens praia acima, na direção da linha de fogo. As tropas e máquinas de apoio foram mantidas à distância pelas defesas locais. As unidades dividiram-se, as comunicações por rádio eram inexistentes e as rotas de escape estavam atulhadas de destroços. O banho de sangue continuou durante horas, até que o avanço sobre a região alta da praia começou ao meio-dia. Só no período da tarde os soldados americanos de Omaha conseguiram silenciar os canhões alemães. Até hoje não se sabe com exatidão o total de baixas de Omaha, mas, acredita-se que cerca de 2.500 homens morreram antes do fim do Dia D. Talvez o triplo tenha se ferido. O V Corpo americano suportou sozinho duas mil baixas. Desde então, o desembarque passou a ser chamado de Bloody Omaha - "Omaha sangrenta". No final do Dia D, cerca de 155 mil soldados Aliados estavam em terra, mas poucos alvos especificados pelos planejadores militares tinham sido atingidos. No entanto, as baixas foram muito menores do que alguns temiam, e o controle da Alemanha na Europa ocupada rompeu-se. Ainda assim, Hitler ficou exultante e disse a seus generais que agora os Aliados estavam ao alcance da Wehrmacht, onde poderiam ser destruídos.

Batalha de Villers-Bocage

Embara os Aliados estabelecessem uma cabeça de ponte na Normandia, três semanas se passaram até que soldados dos EUA libertassem o porto de Cherbourg, e só em 18 de junho soldados britânicos e canadenses capturaram Caen, a apenas 12 km da costa, prevista para cair no primeiro dia. Alguns homens entrincheiraram-se quando deveriam ter avançado, e as informações relativas ao paradeiro dos soldados alemães eram escassas. A área era coberta de sebes muito antigas, com 1,8 m a 6 m de altura, plantadas sobre diques de terra: o chamado "bocage". Isso dava aos defensores alemães posições de tiro camufladas, e os tanques Aliados tornavam-se inúteis. No entanto, os soldados Aliados podiam pedir apoio aéreo. E os alemães sofriam escassez crônica de aviões. As aeronaves impediam a movimentação de colunas alemãs durante o dia, e os comboios só podiam avançar sob a proteção da noite. No interior da França o bombardeio aliado e a sabotagem da resistência francesa desorganizaram ainda mais a rede de suprimentos alemã. Enquanto isso, soldados americanos vindos das praias da Normandia avançaram pela península de Cotentin e cercaram o porto de Cherbourg-Octeville.

Caen

Tanto os alemães quanto os Aliados tinham identificado Caen como o fulcro da Batalha da Normandia, e a 21ª Divisão Panzer correu em sua defesa. Uniu-se a ele a ultrapatriota 12ª Divisão SS Panzer Hitlerjugend. Quando se aventurou em Villers-Bocage, posto intermediário importante no caminho de Caen, a 7ª Divisão Blindada de Montgomery foi emboscada pelo 501º Batalhão SS de Tanques Pesados, unidade de elite equipada com o assustador tanque Tigre. Rommel e Von Rundstedt, então comandante no Ocidente, convenceram Hitler a visitar a França para avaliar a situação. Em 17 de junho, nos arredores de Paris, Rommel explicou que, depois que tomassem Caen, os Aliados marcharam rumo àquela capital. E propôs reagrupar as divisões alemãs para atacar pelos flancos. Hitler não se interessou. Ele acreditava que as bombas voadoras VI - a primeira delas atingira Londres quatro dias antes - e os aviões a jato que a Alemanha desenvolvera lhe dariam supremacia aérea. Ele recusou a Rommel os movimentos fundamentais

de suas tropas e alertou contra o "derrotismo", enquanto substituíva Von Rundstedt pelo obediente marechal de campo Gunther von Kluge. Na verdade, a VI, apelidada de "varejeira" ou "zumbidora" na Grã-Bretanha, levou de volta a Londres o bombardeio estratégico. Cerca de oito mil V1 choveram sobre a Inglaterra até que os soldados Aliados ocuparam as bases de lançamento, aproximadamente três meses depois do Dia D. Elas foram seguidas pelos foguetes V2, de longo alcance, que levavam uma ogiva de uma tonelada. Estas só perderam quando bombas de 12 mil libras (5.400 kg), as chamadas tallboys ("meninos altos"), foram utilizadas pela RAF para destruir os bunkers de concreto reforçado onde se armazenavam os foguetes V. O desenvolvimento do caça a jato Messerschmitt Me 262 foi atrapalhado pelo próprio Hitler, que exigiu que fosse caça e bombardeiro ao mesmo tempo. Isso retardou sua produção em massa até que a guerra estivesse praticamente perdida.

Portos Mulberry

Em 19 de junho, a pior tempestade em quarenta anos atingiu a Normandia e destruiu os improvisados portos Mulberry que tinham sido rebocados pelo canal para desembarcar suprimentos. O porto Mulberry da praia Omaha, onde foram entregues 14.500 toneladas de carga, ficou definitivamente avariado. E só em 29 de junho o porto Mulberry de Arromanches voltou a funcionar. Quando finalmente tomaram Cherbourg, os americanos encontraram as instalações portuárias destruídas. No entanto, àquela época o oleoduto submarino Pluto (Pipe-Lines Under The Ocean) bombeava, por dia, oito mil toneladas de combustível da Grã-Bretanha.

Rompimento a leste

Em 26 de junho, Montgomery tentou avançar para o sul e depois para o leste e tomar o terreno elevado em torno de Caen. Após alguns combates dos mais acirrados até então, a 11ª Divisão Blindada chegou à Colina 112, mas foi forçada por três divisões Panzer a recuar. Em 4 de julho, a 3ª Divisão canadense, com o apoio dos canhões das belonaves fundeadas ao largo e dos caças Typhoon lançadores de foguetes, tentou limpar os arredores a oeste de Caen, mas a tenaz 12ª Divisão Panzer SS aguentou firmemente durante os dois dias do ataque. Em 7 de julho, cerca de 2.300 toneladas de bombas foram lançadas no setor norte da cidade por 457 aviões da RAF que a reduziram a ruínas. Isso permitiu o avanço da infantaria, mas as crateras das bombas impediam o movimento de tanques e veículos blindados. Privados de proteção, os soldados escolhiam o caminho entre os escombros fumegantes sob o fogo de franco-atiradores inimigos. Depois do combate casa a casa, os alemães recuaram para fortes posições defensivas do outro lado do rio Orne, ainda capazes de importunar as colunas aliadas caso tentassem avançar. Três dias depois, a 43ª Divisão de Wessex retomou a Colina 112 e a manteve durante 48 horas, até ser derrotada por duas divisões Panzer; foram duas mil baixas só na Divisão de Wessex. A colina trocou de mãos várias vezes. Rommel dissera que quem ocupasse a Colina 112 controlaria a Normandia. A Operação Goodwood começou em 18 de julho, com um maciço ataque aéreo. Depois, soldados e tanques finalmente conseguiram limpar as ruínas de Caen. Em seguida eles avançaram aproximadamente 5 km rumo a Falaise, onde foram detidos por canhões anticarro alemães, posicionados na serra de Bourguebus. A operação foi finalmente cancelada em 20 de julho. Nessa altura, as baixas chegavam a quatro mil homens e quinhentos tanques, mais de um terço do total que os britânicos tinham na Normandia na época. Em 17 de julho, Rommel feriu-se quando seu carro foi metralhado por aviões Aliados. De volta à Alemanha para convalescer, ele foi envolvido no atentado a bomba contra Hitler, de 20 de julho, e forçado a se matar. O Primeiro Exército canadense, comandado pelo general Henry Crerar, entrou na esfera operacional de Montgomery em 23 de julho, e o general George S. Patton pôs seu Terceiro Exército americano em ação em 1º de agosto. Como Rommel temia, assim que os

exércitos britânico, americano e canadense obtiveram uma base sólida no continente ficou incrivelmente difícil expulsá-los.

A brecha de Falaise

Com Montgomery avançando devagar a leste, Bradley, que agora comandava o 120 Grupo de Exércitos americano, mandou Patton e seu Terceiro Exército em uma longa curva ao sul e depois a leste para cercar os alemães. Hitler só viu o perigo tarde demais. Ele ordenara a von Kluge que tirasse da frente britânica quatro divisões blindadas para atacar os americanos, mas Kluge só conseguiu desengajá-las em 7 de agosto. O Führer planejou um contra-ataque no gargalo de Avranches, para fechar a brecha que havia ali e cortar as linhas de suprimento de Patton. Mas, ele estava a 1.300 km de distância, em seu quartel-general na Prússia Oriental. Seus comandantes na Normandia foram contrários ao ataque. Eles sabiam que a batalha ali estava perdida e que deveriam fazer uma retirada ordeira pelo rio Sena.

Em fuga

Hitler mandou para o combate quatro divisões descansadas do Décimo Quinto Exército, saídas do Passo de Calais. Mas, os bombardeiros Aliados impediram a retirada alemã ao atingir as pontes que restavam ao longo do Sena. Enquanto isso, Patton pegou velocidade nas estradas abertas do noroeste da França e tomou Le Mans em 8 de agosto. Ao norte, a caminho de Avranches, cinco divisões Panzer e duas de infantaria deram com uma única divisão americana em Mortain, que conseguiu segurá-las até que outras unidades aliadas chegassem para ajudar. Poderosas formações americanas contra-atacaram em Vire, enquanto os britânicos empurraram Conde e Patton para o norte, fechando a armadilha. Agora os alemães estavam presos em um pequeno bolsão entre Mortain e Falaise, onde as forças aéreas aliadas os bombardeavam e metralhavam incansavelmente. Em 14 de agosto, a única saída era pela brecha de 30 Km entre os canadenses em Falaise e o Terceiro Exército de Patton. Este queria seguir para Falaise e fechar a brecha, mas com a pressa seu exército perdera a coesão, e Bradley ordenou-lhe que parasse. Nessa altura, as unidades alemãs estavam sendo destruídas pela Resistência Francesa ou rendiam-se inteiras às forças aliadas. Kluge perdeu-se na confusão. Pouco depois de reaparecer, foi demitido do comando e se matou. Em 17 de agosto, a brecha de Falaise reduziu-se a 18 km, e as forças alemãs corriam para leste através dela. Um dia depois, ela foi espremida para dez quilômetros, e os ataques aéreos eram tão implacáveis que qualquer tentativa de passar resultava em morte quase certa. A brecha foi fechada em 20 de agosto. Mais tarde, Eisenhower disse sobre a batalha:

"Inquestionavelmente, o campo de Falaise foi um dos maiores campos de matança de todas as áreas da guerra. Caminhos, estradas e campos estavam tão atulhados de equipamento destruído e homens e animais mortos que passar pela área era difícil. 48 horas depois de fechada a brecha, fui levado a pé e encontrei uma cena que só poderia ser descrita por Dante. Era literalmente possível andar centenas de metros de uma vez pisando apenas em carne morta e apodrecida".

Cerca de dez mil alemães foram mortos em seis dias no bolsão de Falaise, e fizeram-se cinquenta mil prisioneiros. Dos outros 20 a 50 mil que escaparam, muitos foram mortos antes de chegar ao Sena. Outros milhares que foram interceptados em diversos lugares entregaram-se. Duas Divisões Panzer e oito divisões de infantaria foram capturadas quase completas. No total, as baixas alemãs na Normandia chegaram a quatrocentos mil homens, metade dos quais capturados. Já do lado dos Aliados foram de 209.672 homens, dos quais 36.976 mortos. Os alemães também perderam 1.300 tanques, 1.500 canhões e vinte mil veículos. As forças aliadas também tinham desembarcado na Riviera francesa, na chamada "campanha do champanhe". Os invasores foram recebidos na praia por um francês que levava uma bandeja com taças e uma garrafa do

Revolta da Chibata - 1910

Os Primeiros Acontecimentos

De acordo com o texto do livro:
BRAGA, Claudio da Costa. 1910 - O fim da chibata: vítimas ou algozes. Rio de Janeiro: Edição do autor, 2010, p. 78/87.

Este texto se refere a um dos piores acontecimentos da história da Armada e do Brasil. Alguns dias antes do dia 22 de novembro já tinham acontecido graves atos de indisciplina a bordo do encouraçado Minas Gerais. Este navio, de volta do Chile, e de passagem por Buenos Aires, teve cinco marinheiros desertores. As principais queixas eram, além dos castigos físicos, a ginástica obrigatória

A Noite de 22 de novembro de 1910 - terça-feira

A noite havia sido festiva no cruzador francês Duguay-Trouin, sob o comando do capitão-de-mar-e-guerra De La Croix de Castriés, em bela recepção oferecida pelo navio, em passagem pela baía de Guanabara, aos oficiais da Armada brasileira e dos navios estrangeiros, surtos no porto do Rio de Janeiro.

Dois séculos antes, o próprio Duguay-Trouin, corsário francês, aventurou-se em nossas águas, mas naquela época não para uma visita de cortesia e amizade e sim de conquista e saque, perdurando por dois meses - setembro a novembro de 1711, o achaque à população do Rio de Janeiro, sob a ameaça dos canhões de seus navios.

Nesta noite, mais uma vez, a cidade seria ameaçada por canhões vigorosos de Esquadra poderosa. Desta vez, porém, por marinheiros nacionais insurretos, que haviam se apoderado de alguns navios da Marinha de Guerra.

Por volta das 2200 h, estando a recepção por encerrar-se, o capitão-de-mar-e-guerra João Batista das Neves, primeiro comandante do encouraçado Minas Gerais, navio irmão do São Paulo, os dois mais poderosos navios de guerra jamais construídos, embarcou em sua lancha de comandante e, juntamente com o segundo-tenente Armando Trompowski de Almeida, dirigiram-se para o encouraçado.

Esta noite Batista das Neves lá pernoitaria. Vindo de uma recepção de gala, encontrava-se assim uniformizado, inclusive com a espada à cintura.

Chegando ao navio é recebido pelo segundo-tenente Álvaro Alberto da Mota e Silva oficial de serviço do quarto das seis à meia noite, que o acompanha até à Câmara (alojamento do comandante), colocando-o a par dos acontecimentos a bordo que, até aquele momento, era de aparente regularidade.

Ao despedir-se do comandante, o tenente Álvaro Alberto dirige-se para a proa do navio sendo, nesse momento, traiçoeiramente atacado pelo marinheiro Ernesto Roberto dos Santos que, com seu chapéu sobre os olhos, numa tentativa covarde de não ser reconhecido, desfere um golpe de baioneta sobre o tenente, ferindo-o no ombro.

Este, num reflexo de auto-defesa, desembainha sua espada e revida o ataque sofrido. Imediatamente o seu agressor evade-se, tomando a direção da proa do navio, indo ao encontro de seus demais companheiros, junto à torreta nº 6 que, já em grande alvoroço, pronunciavam palavras de ordem de "viva a liberdade" e "abaixo a chibata".

Batista das Neves escutando aquela algazarra dirige-se ao convés, ainda com o mesmo uniforme que chegara a bordo, portando agora dois fuzis. Entregando um deles ao marinheiro

Eugênio Alves de Assis Bulhões que, após ser acordado em sua coberta, como os demais marinheiros, ao invés de se dirigir para junto dos amotinados toma a direção do comandante para protegê-lo. Batista das Neves ao ver o oficial de serviço ferido e ensanguentado, exclamou: "mataram meu filho!"

Numa atitude de coragem e autoridade conclama aos marinheiros que se mantivessem em ordem e que aquela não era a maneira de se reivindicar; que dissessem o que desejavam que ele estava pronto a ouvi-los e que se portassem com dignidade e respeito com a farda que vestiam.

Infelizmente não lograra êxito em suas pretensões, que era de apaziguar os ânimos da marujada enfurecida, que passa a reagir arremessando tudo o que estivesse ao seu alcance e com gritos de "abaixo a ginástica" e "viva a liberdade".

Controlar uma pessoa enfurecida já seria difícil; uma multidão, praticamente impossível. Por outro lado, não se poderia imaginar que Batista das Neves, possuidor de personalidade forte, arrogante e prepotente, acatasse tal intimidação.

Nesse momento, chegam ao convés os demais oficiais da divisão de serviço naquele fatídico dia. Eram os primeiros-tenentes Milcíades Portela Ferreira Alves, Mário Lamayer e Oscar de Castro e Silva e também o capitão-tenente José Cláudio da Silva Júnior que, apesar de não se encontrar de serviço, pernoitava a bordo tendo chegado à noite, em lancha alugada.

Os tenentes Cláudio e Lamayer, antes de chegarem ao convés, já haviam se confrontado com os marinheiros que tentaram invadir a Praça D'Armas para se apoderarem do armamento portátil lá existente, sendo rechaçados valentemente pelos dois oficiais.

Os oficiais, agora todos juntos, com o apoio dos marinheiros que não aderiram ao motim, passam a enfrentar os insurretos.

Tocado o sinal de formatura geral, apenas 60 militares atendem com os demais gritando: "não forma".

O tenente Álvaro Alberto, amparado pelo tenente Milcíades, achando que ia morrer, lamuriava-se dizendo ter sido ferido covardemente.

Deixado em relativa segurança aos cuidados de dois marinheiros, Milcíades volta a se unir ao comandante e demais oficiais.

Sentindo o agravamento da situação e do estado de saúde do tenente, Batista das Neves determina que Milcíades transporte o oficial ferido para o Hospital da Marinha em terra. Todos embarcados, antes do escaler largar do navio, um marinheiro tenta impedi-los, só desistindo ao ser ameaçado pelo revólver do tenente Milcíades.

No meio do caminho, devido ao agravamento de seu estado, é levado ao navio mais próximo, o encouraçado São Paulo, ainda não rebelado.

Graças à rapidez de atitude do segundo-tenente Antônio Guimarães, que rapidamente mandou vir o médico de serviço, capitão-tenente Dr. Raymundo Cantanheda do Vapor Andrada, navio de registro da Esquadra, pode, então, o tenente Álvaro Alberto receber os primeiros socorros.

Em seguida, o escaler com todos a bordo, inclusive o médico, ruma para terra deixando o ferido no Hospital da Marinha, seguindo Milcíades para o Ministério, onde relataria tudo o que presenciara no Minas Gerais.

Neste navio a luta continuava, com os oficiais sendo atacados pelos amotinados que lançavam sobre eles toda espécie de materiais disponíveis.

Alvejado por uma barra de ferro, Batista das Neves cai ferido no convés. Protegido pelo tenente Cláudio e pelo marinheiro Eugênio Alves de Assis Bulhões, que impõem um recuo aos atacantes, Batista das Neves consegue se recompor e se levantar sendo aconselhado a se refugiar na Câmara.

"Dali não sairia e nem abandonaria o navio"; foi a sua resposta.

Os outros oficiais também não seriam poupados, sendo o tenente Cláudio golpeado por uma baioneta. Socorrido pelo marinheiro Assis Bulhões e pelo grumete Joviniano de Oliveira, ordenança do comandante, o grupo passa a ser alvo das carabinas dos revoltosos, sendo o tenente Cláudio e o grumete, atingidos mortalmente pelo marinheiro Vitorino Nicássio de Oliveira.

A resistência já não suportava mais a agressão dos amotinados, sendo agora assassinado o contra-mestre de serviço, o sargento Francisco Monteiro de Albuquerque, pelo marinheiro Ernesto Roberto, o mesmo que ferira o tenente Álvaro Alberto e baleara o foguista Inácio Cursinho Bispo.

Batista das Neves já muito ferido não resistiria ao tiro desfechado pelo marinheiro João José Rodrigues do Nascimento. Seu corpo, estendido inerte e desfalecido no convés, ainda seria ultrajado covardemente pelos revoltosos, fazendo ao seu redor uma simulação artística de uma série de ginástica.

O marinheiro Aristides Pereira, vulgo "chaminé", ainda seria visto urinando sobre o cadáver e, em tom debochado, perguntar-lhe: quer um copo d'água, velha?"

Numa tentativa desesperada para salvar os poucos militares ainda sobreviventes, Lahmayer determina que todos embarquem em um escaler ainda disponível.

Quando todos já estavam embarcados, numa ação criminoso e desnecessária, os revoltosos efetuaram uma descarga de fuzilaria (armas portáteis) matando e ferindo os tripulantes que tentavam evadir-se. Posteriormente essa embarcação seria recolhida pelo vapor Carlos Gomes.

Sorte melhor teria o tenente Castro e Silva. Retardatário ao embarque no escaler, pois permanecera por mais alguns minutos tentando proteger o comandante Batista das Neves, só se ausentando quando este já estava morto, lançou-se n'água sob tiros disparados de bordo, escondendo-se embaixo do "jardim da popa", uma projeção das acomodações da Câmara do Almirante (espécie de varanda) que existia nessa classe de navio.

Após passar os momentos críticos, nadou na direção da Ilha das Cobras sendo recolhido por um escaler do navio-escola Benjamin Constant.

Quanto ao marinheiro Bulhões, que também não conseguira embarcar no escaler, esconde-se em local seguro no navio, só vindo a ser encontrado após encerrado o motim.

Relatos de oficiais que conviveram nesse último dia com Batista das Neves dão conta de que ele, desde cedo, não se sentia bem, com uma sensação incômoda, daquelas que todos nós já sentimos em nossas vidas mas que não conseguimos explicá-la.

Acreditavam ser devido ao castigo corporal que fora obrigado a impor, a bem da disciplina e ordem a bordo, a um marinheiro do navio.

Estes fatos que acabamos de mencionar foram relatados por diversos participantes, tendo as autópsias de Batista das Neves e do capitão-tenente José Cláudio da Silva Junior, sido publicadas no Jornal do Comércio.

Nota do Editor: em 21 de novembro, o marinheiro Marcelino Rodrigues de Menezes foi punido com 250 chibatadas na presença de toda a tripulação do Encouraçado Minas Gerais, nau capitânia da Esquadra. Mesmo desfalecido, a aplicação do castigo não foi interrompida. Os revoltosos anteciparam então a data do motim para o dia seguinte. Marcelino havia agredido um companheiro com uma lâmina de barbear. Onde entra o marinheiro João Cândido Felisberto nessa história?

João Cândido nasceu em 24 de junho de 1880 no atual estado do Rio Grande do Sul e atual município de Encruzilhada do Sul. Era filho de um casal de ex-escravos. Apresentou-se em 1894, com treze

época de “Almirante Negro”, tiveram suas reivindicações atendidas – a punição com chibatadas foi extinta –, mas uma semana depois quase todos foram presos, mortos ou mandados para seringais na Amazônia.

Desde o Império, os marinheiros brasileiros eram quase todos negros ou mulatos recrutados pela polícia e comandados por oficiais brancos. De acordo com seu código disciplinar, não podiam se casar, e as faltas graves eram punidas com “vinte e cinco chibatadas, no mínimo”. Com a Proclamação da República em 1889 a punição foi extinta, mas foi reabilitada um ano depois, embora fosse considerada degradante porque toda a tripulação deveria assistir ao castigo, reunida no convés dos navios.

Na primeira década do século XX, os marinheiros passaram a ter contato com as armadas de outros países que haviam suprimido tais castigos. Em 1909, um grupo esteve na Inglaterra e soube das lutas dos marujos britânicos por seus direitos e também da revolta ocorrida no encouraçado *Potemkin*, da Marinha russa, em 1904. João Cândido, que se alistara em 1895, aos 14 anos, estava entre esses marinheiros e, de volta, criou um comitê clandestino para organizar uma revolta. A ideia era formar comitês nos outros navios e realizar o motim em 25 de novembro de 1910, dez dias após a posse do presidente Hermes da Fonseca.

A punição no dia 16 de novembro ao marinheiro Marcelino Rodrigues Meneses no encouraçado *Minas Gerais* adiantou os acontecimentos. Marcelino recebeu 250 chibatadas por levar cachaça a bordo e ferir um cabo a navalha. Desmaiou, mas o castigo prosseguiu, o que revoltou a tripulação. Na noite de 22 de novembro, quando chegaram à baía de Guanabara, os marinheiros do *Minas Gerais* mataram seis oficiais, entre eles o comandante Batista das Neves, que voltava de um jantar no navio francês *Duguay-Trouin*. Um sétimo oficial, o segundo-tenente Álvaro Alberto, embora ferido, escapou para o encouraçado *São Paulo* e avisou os outros oficiais, que fugiram para terra firme. Ainda naquela noite, o motim se estendeu aos encouraçados *São Paulo* e *Deodoro*, ao cruzador *Bahia* e a quatro embarcações menores.

No dia seguinte, um ultimato foi enviado ao governo, redigido pelo marinheiro Francisco Dias Martins, que se autodenominava Mão Negra, mas atribuído a João Cândido. Os marinheiros exigiam anistia para os revoltosos e o fim das chibatadas, ameaçando, caso não fossem atendidos, com o bombardeio do então Distrito Federal em 12 horas. Como a subversão da hierarquia era um dos principais crimes para as forças armadas, a Marinha, o Congresso e o governo divergiram quanto à resposta a ser dada aos rebelados.

A incapacidade de derrotar o motim ficou patente no dia 24 de novembro, quando duas embarcações foram rechaçadas pelos amotinados, que também bombardearam a instalações da Marinha na ilha das Cobras e dispararam contra o palácio do Catete, sede do governo federal. Parte da população da cidade fugiu para longe da orla, e outra parte foi ver os navios amotinados. A tentativa do deputado e capitão de mar e guerra José Carlos de Carvalho de negociar com os marinheiros foi infrutífera, e no dia seguinte, 25 de novembro, o ministro da Marinha, almirante Joaquim Marques Batista Leão, determinou que os navios rebelados deveriam ser postos “a pique, sem medir sacrifícios”.

O governo e o Congresso, no entanto, não concordavam. Rui Barbosa, deputado e candidato à presidência da República derrotado por Hermes da Fonseca, considerava os castigos corporais abusivos após a abolição da escravatura e defendia a anistia dos rebelados. Esta veio no dia 26 de novembro, quando o presidente Hermes da Fonseca declarou que os castigos físicos estavam abolidos e que os revoltosos que se entregassem seriam anistiados. As armas foram depostas, e as embarcações devolvidas no dia 27, terminando assim a rebelião. No entanto, no dia seguinte, alguns marinheiros foram expulsos da corporação, acusados de indisciplina.

